

SP tem 12 mil estupros por ano, diz médico

Cálculo considera que 90% dos casos não são registrados; a polícia contesta a estimativa

ROSA BASTOS

Na tese de mestrado que vai defender no dia 20 de dezembro, na Universidade Federal de São Paulo, sobre aborto legal, o ginecologista e obstetra Osmar Ribeiro Colás apresenta um dado assustador: ele diz que cerca de 12 mil mulheres por ano — ou 32 por dia — são estupradas em São Paulo. Para chegar a essa estimativa, Colás se baseou em dados da Fundação Sea-de. De 1991 a 1993 foram registrados 1.200 casos por ano nas delegacias da Capital. “Considerando que apenas 10% das mulheres registram a queixa, chegamos à cifra de 12 mil”, explica.

Segundo o médico do Hospital São Paulo, 90% das mulheres não vão à delegacia registrar a queixa de estupro por medo, vergonha ou insegurança. “Algumas são ameaçadas, outras são deficientes mentais e muitas são violentadas por ex-maridos, parentes e, principalmente, o próprio pai.

No entanto, de acordo com a coordenadora das delegacias de Defesa da Mulher do Estado, Maria Inês Valente, essa estimativa está completamente fora da realidade. Ela diz que, em 1995, foram registradas 781 denúncias de estupro nas 20 delegacias da mulher da Capital e Grande São Paulo e 1.958 nas 104 delegacias do Interior. O total de denúncias, em

todo o Estado, foi 2.739. “Esse número também não representa o total de casos de estupro porque muitas mulheres não registram a queixa, mas tenho certeza que não pode ser essa diferença brutal”, diz Maria Inês.

A tese de Colás se baseia no trabalho pioneiro realizado no Hospital do Jabaquara de 1989 — quando foi iniciado o programa de abortamento legal — até junho deste ano. Ele lembra que o aborto é garantido pela lei, desde 1940, em duas situações: no caso de estupro e de risco de vida para a mãe. Mas até 1989 não havia nenhum serviço público no País de atendimento a mulheres que engravidassem do seu agressor. Só restava a essas mulheres a alternativa de recorrer a clínicas particulares ou à ajuda de “curiosas” para interromper a gravidez indesejada.

NÚMEROS DA DELEGACIA DA MULHER SÃO DIFERENTES

De janeiro de 1989 a junho de 1996 foram atendidas no Hospital do Jabaquara 210 mulheres que alegaram estar grávidas em consequência de estupro e interrompida a gestação de 80

delas. Colás mostra em sua tese o atendimento dado por uma equipe multidisciplinar, formada por médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e advogado. Segundo ele, depois que o hospital passou a integrar o Plano de Atendimento à Saúde (PAS) a equipe foi desfeita. “Hoje o trabalho se limita à interrupção da gravidez.”

O diretor do hospital, Thomaz Antonio Cunha Cardoso de Almeida, garante que o trabalho continua sendo feito como antes, com apoio psicológico e social e acompanhamento dos casos.